

FONTE : Jornal de Brasília

CLASS. : 62

DATA : 26-09-84

PG. : \_\_\_\_\_

1948

# O caminho da negociação

Vai se configurando, aos poucos, a convicção de que a demissão de Jurandy Marcos da Fonseca, da presidência da Funai, deveu-se mais ao temperamento do funcionário que à posição do governo em relação à abertura das reservas indígenas para projetos de mineração. Deve-se a Jurandy, evidentemente, a iniciativa de transformar o problema em tema de debate nacional, tirando-o das camadas técnicas em que ia evoluindo a bem dizer anonimamente. Jurandy, contudo, excedeu-se na exteriorização de sua denúncia. Deu a entender que o governo estava patrocinando um instrumento legal para invasão das terras dos índios e que ele, de modo algum, compactuaria com esse "genocídio". Parece que as primeiras e inteligentes providências de Jurandy Marcos da Fonseca, à frente da Funai, inflaram o seu ego e o transformaram no único, e último, defensor dos índios. Sua saída do órgão não se deve, então, à questão da mineração em terras indígenas, que ninguém pode apoiar, mas ao envenenamento dos canais de comunicação com os poderes superiores.

Trazido o problema a debate, ficou logo claro que não se pode dar curso livre à portaria regulamentar do decreto que autoriza a mineração em reservas indígenas. Assim como o país não está preparado para muitas coisas, as sociedades indígenas não estão preparadas para um contato contínuo com o tipo de civilização (?) que explora a mineração e que é, por sua própria natureza, predatória, física e socialmente. Foram tantas e tão veementes as vozes que se levantaram, em todo o país, a favor da preservação das terras indígenas contra

a cobiça mineradora, que o próprio governo, alertado pela posição de Jurandy e escandalizado pela celeuma que em torno do assunto se criou, já se apressa em manifestar suas verdadeiras e tranquilizadoras intenções.

Tranquilizadoras são as informações oficiais da Petrobrás de que não pretende continuar prospectando em território indígena. Mais tranquilizadoras ainda são as enfáticas declarações do chefe da Província Mineral Norte, da Docegeo, segundo as quais a Vale do Rio Doce aprova inteiramente o movimento dos antropólogos brasileiros em defesa da inviolabilidade das terras indígenas. Segundo o responsável pela mineração na região Norte, Breno Augusto dos Santos, qualquer incursão em área indígena deve cercar-se de cuidados especiais, dada a fragilidade da cultura dos índios em relação à nossa. Ele próprio denunciou — coisa que a Funai deve apurar e denunciar — que reservas indígenas já foram ou estão sendo invadidas em vários locais, antes mesmo de haver autorização oficial para a mineração nessas áreas. E se viesse essa autorização, como prevê o decreto, o problema tenderia a se agravar muito mais, em sua opinião.

Está formada, portanto, a cadeia de bom-senso para a defesa, que já inclui a Petrobrás e a Vale do Rio Doce, dos territórios indígenas. É de se lamentar que o temperamento explosivo do ex-presidente da Funai o tenha impedido de continuar o belo trabalho que o fez merecedor de tanta admiração. Temperamento que o impediu de negociar a solução que agora salta aos olhos de todos.